

Entre Ocupar, Permanecer e Transformar

Reflexões Sobre o Processo de Ocupação do Quilombo- -Unb

Resumo: O presente texto tem por finalidade construir narrativas antropológicas a respeito do processo de ocupação urbana intitulada “Diretório Acadêmico Negro: Quilombo UnB” realizada na Universidade de Brasília no final do segundo semestre de 2016. Porém, um marcador que qualifica tal processo de ocupação e subsequente análise sociológica é o fenômeno raça e seus desdobramentos levando em consideração o caráter colonial que cria um mundo racializado, genericado e universalista. Como saída para este cenário, a proposta de ocupação concentrada na raça pode se mostrar um potencializador para criação de alternativas políticas que tencionem a supremacia racial e busque autonomia para o povo negro.

Abstract: *The present paper aims to construct anthropological narratives about the process of urban occupation entitled “Black Academic Directory: Quilombo UnB” that happened at the University of Brasília at the end of the second half of 2016. However, a marker that qualifies this occupation process and subsequent sociological analysis is the race phenomenon and its unfolding taking into account the colonial character that creates a racialized, generalized and universalist world. As an outlet for this scenario, the proposal of occupation concentrated in the race can be a potentiator for the creation of political alternatives that intends racial supremacy and succeed autonomy for the black people.*

Introdução

Este artigo se refere à experiência que tive durante a ocupação do Diretório Acadêmico Negro – Quilombo UnB. Essa intervenção tinha como propósito apoiar o processo de ocupações estudantis que aconteciam em 2016 além de, sobretudo, construir um espaço e organização que contemple as demandas da comunidade acadêmica negra na Universidade de Brasília. Neste texto, pretendo narrar como tem sido minha experiência na construção do Quilombo UnB, sob uma perspectiva sociológica e anti-colonial ou, como disse Antônio Bispo (2015), contra colonial, em relação às construções de gênero e negritude. Tentar encontrar as chaves de compreensão de um processo ontológico, epistêmico e político nesse contexto é primordial tanto para construção de teorias sociais, quanto para fortalecer os processos de disputa política que estão em jogo.

Para tanto, essa reflexão é coletiva, de escrita individual. O que quero dizer é que a narrativa que se segue está sendo escrita por mim (que sou homem, negro de pele clara e não heterossexual). Porém, fruto de uma dinâmica de escuta interessada em relação às falas formais e informais do grupo, quando o tema em discussão é a disposição de gênero e como essa dinâmica vem se construindo.

Um dos pontos centrais que pretendo tratar neste texto é como estamos lidando com o fato de a colonização operar na nossa sociedade e no Quilombo, em especial. Porque não basta falar que o patriarcado branco não representa as organizações pretas. É preciso compreender o que somos e como nos organizamos tanto do ponto de vista prático quanto teórico. Já que estamos em uma universidade, precisamos nos apoiar em sistematizações acadêmicas. Porém, nada nos impede de reconstruir e *re-negrecer*¹ a universidade, trazendo nossas epistemologias para o centro da discussão.

Para isso, pretendo analisar como se dá a disposição política do Quilombo. Se existe uma orga-

nização genericada das relações e, em um grau de existência e operacionalidade, tentar medir o quanto isso pode ser fruto de uma herança colonial. Sendo constatada tal organização, o cerne da questão é: como romper essa estrutura e desconstruir uma masculinidade que intoxica nossas relações políticas no Quilombo UnB?

Para muitas pessoas, o texto acadêmico deve ser escrito impessoalmente e na forma culta. Contudo, a tentativa de construir um texto impessoal é a da imparcialidade. No caso da negritude, a impessoalidade desumaniza nossas vidas e nos torna objetos. Uma maneira de resgatar nossa humanidade é falando de nossas subjetividades e biografias (DU BOIS, 1903). A meu ver, o melhor jeito de falar de subjetividade é em primeira pessoa, seja no plural ou no singular.

1. Gênero enquanto construção social

Para dar início a esse ponto, é preciso deixar algumas coisas postas. Primeiramente, as categorias com as quais fazemos teoria social são categorias já impostas a partir de um contato colonial. De acordo com Connel (2012, p. 3):

“Estruturas de gênero e de classe são criadas sob condições únicas do mundo colonial, e não simplesmente importadas ou modificadas. Sempre que mencionamos o outro componente das análises “interseccionais” atuais – raça, estamos diante de uma das mais fundamentais criações do colonialismo, pois conceitos modernos de raça são precisamente um produto tardio do império”

Tais processos de categorização foram estruturados nos conhecimentos ditos científicos, sem levar em conta as realidades locais, além de ignorar o que as comunidades (não brancas) falam de si mesmas. Para compreender gênero, ou qualquer outra estrutura social, é preciso (des)universalizar alguns conceitos de modo a tentar dar conta do que as pessoas falam de si mesmas. A meu ver, essa é a

Carlos Vinícius da Silva Mendes

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB).

Contato:

<carlosmendesljs@gmail.com>

Palavras-chaves:

Ocupações Urbanas; Gênero. Raça; Quilombo UnB; OcupaUnB.

Keywords:

Urban Occupations; Gender. Breed; Quilombo UnB; OcupaUnB.

¹ A universidade, enquanto uma instituição surge em África. Mais precisamente em Fez, no Marrocos, por Fatima al-Fihri.

única maneira de se produzir conhecimento sem cair numa lógica colonizadora e epistemicida.

Para Oyèrónké (2004), teórica nigeriana yorubá, o feminismo tem se tornado uma importante fonte de produção de conhecimento sobre gênero. Contudo, as experiências das mulheres euro-americanas e europeias estão relacionadas a uma perspectiva muito específica de gênero. De acordo com Oyèwùmí (2004, p. 2):

"Feminist researchers use gender as the explanatory model to account for women's subordination and oppression worldwide. In one fell swoop, they assume both the category "woman" and her subordination as universals. But gender is first and foremost a socio-cultural construct."

Sendo assim, as demandas do feminismo (sobretudo do feminismo branco), foram construídas partindo de uma experiência patriarcal branca, que se pretende universalista sem o ser. Se a experiência da mulher branca está relacionada à subordinação, a quem ela está subordinada? Ao homem branco, é claro. Nessa relação hierárquica, o homem negro é inferior e subordinado à mulher branca de tal modo que o machismo é uma estrutura não apenas generocêntrica, mas também, disposta racialmente. De acordo com Hooks (1981, p. 6):

"Antes do apoio aos homens brancos pelo sufrágio dos homens negros, as mulheres brancas ativistas acreditaram que a sua causa avançaria mais se se aliassem aos ativistas políticos negros, mas quando pareceu que os homens negros iriam ter o voto enquanto elas permaneceriam sem direitos, a solidariedade com o povo negro foi esquecida e elas instigaram os homens brancos na solidariedade racial a elas, ofuscando os seus planos em apoiar o sufrágio do homem negro".

Nessa disposição racial do machismo e do patriarcado, o "homem" negro está sendo prejudicado assim como a "mulher" negra, obviamente em proporcionalidades diferentes.

Partindo de algumas conversas que tive com mulheres do quilombo, pude notar que, não necessariamente as experiências das "mulheres" negras passam pela via do patriarcado e subordinação. Muitas vezes, as famílias negras no Brasil são gerenciadas por mulheres, pois os homens morreram, foram obrigados a abandonar suas filhas (HOOKS, 2010), foram expropriados para o tráfico de drogas ou foram encarcerados pela indústria da prisão (DAVIS & DENT, 2003). São muitas as possibilidades para ilustrar a ausência do homem negro nas dinâmicas familiares, sobretudo na periferia. A mulher negra não foi excluída das relações de trabalho, muito pelo contrário, sempre esteve presente nas relações de exploração, seja na produção rural, no trabalho doméstico, na exploração sexual ou na indústria. O trabalho doméstico, por exemplo, está presente na minha família há séculos. Desde minha tataravó que foi escravizada para trabalhar na casa grande, minha avó foi empregada, minha mãe é até hoje e eu trabalho como babá. Todos nós à disposição da branquitude.

Experiências mostram que o patriarcado nunca foi intacto. Existem outras relações que fogem da conduta branca e europeia. Se buscarmos na história da resistência negra à escravidão veremos nomes como Aqualtune, Dandara, Acotirene e Sabina que foram mulheres centrais nas organizações políticas da República Negra de Palmares (CARNEIRO, 1947). O protagonismo feminino sempre esteve presente na negritude. Porém, essa fuga ao patriarcado intacto e hegemônico não significa dizer que o matriarcado igualmente está intacto nas nossas relações. O contato colonial desorganizou e reorganizou – segundo seus próprios interesses – muitas das nossas relações.

As falas de muitas mulheres negras sugerem como o homem negro, contaminado pelas tradições do patriarcado, pode ser violento e abusivo nas relações afetivas e políticas. Além do mais, essa intoxicação do patriarcado na conduta do homem negro também se faz presente em relações afetivas entre casais negros gays. Eu, pessoalmente, já tive experiências abusivas com homens negros que não sabem lidar com sua própria sexualidade.

Isso mostra como o colonialismo desorganiza uma estrutura social e como, partindo dessa desorganização, cria novas relações de poder de modo a fazer o povo negro, muitas vezes, reproduzir algumas lógicas do patriarcado e da branquitude. A questão central nesse ponto da discussão é que mesmo homens negros tentando reproduzir as estruturas machistas, eles, não necessariamente, herdaram os mesmos privilégios, além de sabotar um projeto político não patriarcal protagonizado pelas mulheres negras em nome da autonomia de um povo.

2. Quilombo UNB: lidando com os desafios do gênero

Para dar início a essa parte da discussão, gostaria de explicar melhor o que é o Quilombo UnB e como é sua dinâmica de luta.

Para melhor contextualizar é preciso situar a institucionalização da comunidade negra na Universidade de Brasília. Um dos centros institucionais é o Centro de Convivência Negra – CCN. Esse espaço foi uma conquista de homens e mulheres negras da universidade, porém, não foi uma conquista integral de direitos. Em primeiro lugar, o espaço físico cedido para a instituição foi uma antiga estufa. O prédio fica muito longe das atividades centrais do *campus* impossibilitando o fluxo de pessoas pelo local. É evidente que não está apropriado para receber um centro de convivência.

Além do mais, o CCN é um espaço cuja institucionalização passa pela via das servidoras e servidores da universidade. Não são estudantes os responsáveis legais e nem articuladores institucionais do espaço.

Nesse contexto, estudantes notaram a necessidade de criar um espaço de protagonismo de toda a comunidade negra da universidade e que o espaço fosse digno de conviver e de articular politicamente as demandas da universidade. Para isso, seria primordial que o espaço físico fosse num ponto estratégico: o Instituto Central de Ciências – ICC. Começaram-se, então, reuniões de estudantes para articulação e reivindicação de tal espaço, o Quilombo.

Por fim decidiu-se ocupar.

A ocupação do quilombo na UnB surge em meio a um momento político inflado e hostil. Os movimentos sociais da universidade estão engajados em uma disputa política com o Governo Federal do Brasil, por conta de uma série de decisões políticas institucionais que vão de encontro com as pautas sociais. Entre essas medidas se destacam a PEC 241/55 que trata dos congelamentos de gastos públicos sociais por vinte anos, a MP Reforma do Ensino Médio que desobriga o Estado a ofertar disciplinas como sociologia, filosofia, artes e educação física no currículo do ensino médio e a Lei Escola Sem Partido que limita as professoras e professores da educação básica em relação às questões políticas.

Porém, apesar de o quilombo nascer apoiando os movimentos de ocupação da universidade – OCU-PAUNB –, as pautas são outras. A principal reivindicação do quilombo é a criação do primeiro Diretório Acadêmico Negro da Universidade de Brasília. Esse DA tem por finalidade enfrentar as questões raciais na universidade como as cotas raciais, epistemológicas, permanência de estudantes negras e negros, saúde mental da população negra, etc.

Analisar o processo de construção do Diretório sob uma perspectiva de gênero é uma das minhas principais curiosidades. Enquanto a mulher branca reivindica um feminismo que dê conta de suas opressões que partem de uma vivência muito específica, a mulher negra tem outra vivência e constrói outras relações com o mundo, portanto, o Quilombo é palco pra essas outras vivências que não a branca.

Nos processos de elaboração política e social da branquitude, a mulher branca luta por mais espaço político e por emancipação. Vivendo no quilombo tenho notado que o protagonismo em relação à construção do Diretório Acadêmico – DA durante a ocupação tem sido das “mulheres”. Tendo em vista que o conceito de mulher está relacionado à subordinação, como foi supracitado por Oyèrónké (2004), isso coloca em questão ao menos dois pontos: primeiro é preciso repensar o que é ser mulher a partir de outras vivências além da branca euro-americana e europeia, ou vamos mais além e revivendo o argumento de Oyèrónké, o conceito de mulher não pode ser universal.

Contudo, mesmo constatando o protagonismo “feminino” no Quilombo, não posso deixar de estar sensível às contaminações do patriarcado branco. A colonização está presente em nossas relações e não estamos intactos. Como já mencionei acima, homens negros reproduzem lógicas brancas. Isso reflete em nossas relações quilombolas afetivas. Mulheres reclamam que ao terminar de levantar um ponto político em relação à determinada discussão, muitas vezes um homem fala em seguida repetindo exatamente o que elas falaram. Por que homens precisam reafirmar o que uma mulher fala? Não seria o bastante ficar calado e simplesmente refletir sobre o que elas estão falando? Não é aceitável que uma mulher negra produza suas próprias epistemologias? De acordo com Collins (2002, p. 254):

“African-American women academicians who persist in trying to rearticulate a Black women’s standpoint also face potential re-

jection of our knowledge claims on epistemological grounds.”

Eu não tenho a menor pretensão de responder esta questão. Meu ponto de reflexão é se o patriarcado branco está sendo colocado em evidência e sendo ele refutado, o que resta para construir nossas relações sociais sexuais. Como eu sendo homem posso recriar essas estruturas partindo de uma lógica diferente da qual me fizeram acreditar compor?

Cabe aqui salientar que existem diferentes perspectivas a respeito da disposição de gênero e patriarcado no mundo. Rita Segato (2012) em seu artigo intitulado “Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico e descolonial” afirma a existência de um patriarcado universal – mesmo que seja de baixa intensidade. Contudo, Oyèrónké (2017) em seu livro intitulado “A Invenção das Mulheres, uma perspectiva africana sobre os discursos ocidentais do gênero” traz argumentos consistentes da inexistência do patriarcado na cosmologia yorubana, a qual ela pertence.

Bem, se a categoria gênero é socialmente construída, logo a categoria homem também se constrói dada tais dinâmicas sociais. Com o contato colonial o gênero masculino negro nos foi imputado. Isso nos fez causar dor a nossas irmãs pretas e apagar nossas histórias, nossas ancestralidades e nosso jeito de nos vermos e vivermos no mundo.

Conclusão

Um dos grandes clássicos para pensar em processos de colonização é o autor martinicano Frantz Fanon (2008). Em seu trabalho, fruto da tese de doutorado em psiquiatria, intitulado “Pele negra, máscaras brancas” o autor se dispõe a compreender o efeito da colonização tanto nos corpos quanto nas mentes dispostas em um mundo maniqueizado onde o que é branco é lindo, limpo, do bem e o que é preto é feio, sujo e mal. Esse processo colonizador, de acordo com Fanon, cria ficções mentais que distorcem a realidade e coloca cada corpo em um lugar, cada pessoa em uma posição no mundo. Esse posicionamento vai gerar dor. Para ele essa dor é sentida tanto pelo negro quanto pelo branco, tendo obviamente suas especificidades e intensidades. Fanon passa desde a linguagem até a sexualidade para mostrar e escancarar o efeito do racismo no âmago da existência preta. O capítulo intitulado “O preto e a psicopatologia”, em especial, traz uma referência importante para quem se dispõe a pensar em masculinidade negra e como os corpos – masculinos – são também hipersexualizados e deslocados da realidade. O processo de psicopatologia da colonização cria sentidos perversos de tal modo que o homem preto é um pênis e o homem branco é um cérebro (FANON, 2008).

Nos meus últimos argumentos tentei mostrar como o patriarcado branco não está intacto. Sendo assim, acredito que o papel do “homem negro” é o de desestabilizar as relações que nos foram impostas. O movimento político do Quilombo me mostra que isso pode ser possível se for feito com atenção e de maneira não espontânea. Precisamos nos dar conta que não seguimos mais a lógica patriarcal heteronormativa. Em nossa organização são raros os homens e as mulheres heterossexuais. Estamos

desmanchando as relações de gênero e de sexualidade e com esse desmanche estamos tentando construir outras relações políticas e afetivas.

As ocupações urbanas que estão acontecendo nas universidades e nas escolas do Brasil têm um potencial considerável no processo de transformação da sociedade em que vivemos. Porém, é preciso sempre ter em mente o que se quer construir no lugar das quebras de paradigmas vivenciados no seio de uma ocupação.

Movimentos de ocupação acontecem em outros lugares do mundo como a Rebelião dos Pinguins no Chile e o *Rhodes Must Fall* na África do Sul. Este último tem muito a ensinar para o Quilombo UnB já que a reivindicação de descolonização da educação está presente no cerne dos dois movimentos.

Seguir recriando as dinâmicas de reivindicação política e disputando espaços de legitimidade entre os que já lutam é uma tarefa essencial para o movimento negro universitário. Estabelecer conexões entre o Sul Global pode ser um potencializador para avançar qualitativamente e encontrar soluções coletivas para problemas comuns. Seja em Cape Town, Santiago ou Brasília, as ocupações ganham corpo a cada investida contra o *status quo*. Nós, estudantes, viemos para ensinar estratégias poderosas para lutar local, regional e globalmente.

Referências Bibliográficas

BISPO, Antônio dos Santos. (2015), *Colonização, Quilombos. Modos e significados*. Brasília, INCTI Universidade de Brasília – UnB.

CARNEIRO, Edson. (1947), *O Quilombo dos Palmares*. São Paulo, Editora Brasiliense.

COLLINS, Patricia Hill. (2002), "Black Feminist Epistemology", in _____, *Black Feminist Thought. Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. Nova York, Routledge.

CONNEL, Raewyn. (2012), "A Iminente Revolução na Teoria Social", *Revista brasileira de Ciências Sociais*, 27, 80: páginas.

DAVIS, Angela & DENT, Gina. (2003), "A prisão como fronteira: uma conversa sobre gênero, globalização e punição", in *Revista de Estudos Feministas*, 11, 02: páginas.

DU BOIS, William Edward Burghardt. (1999), *As Almas da Gente Negra*. Tradução de Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro, Lacerda.

FANON, Frantz. (2008), *Pele negras, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA.

hook, bell. (2004), *Aint I a Woman: Black woman and feminism*. local de publicação, Plataforma Gueto.

_____. (2010), *Vivendo de Amor*. Tradução de Maísa Mendonça. São Paulo, Geledés Instituto da Mulher Negra.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. (2004), *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms*. CODESRIA Gender Series., Dakar, CODESRIA.

_____. (2017), *La invención de las mujeres. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del genero*. Traducción de Alejandro Montelongo González. Bogotá, Editora en la frontera.

SEGATO, Rita Laura. (2012), "Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico des-colonial", *Revista e-cadernos Ces*, 18: 106-131.

